

227

preço  
1\$50



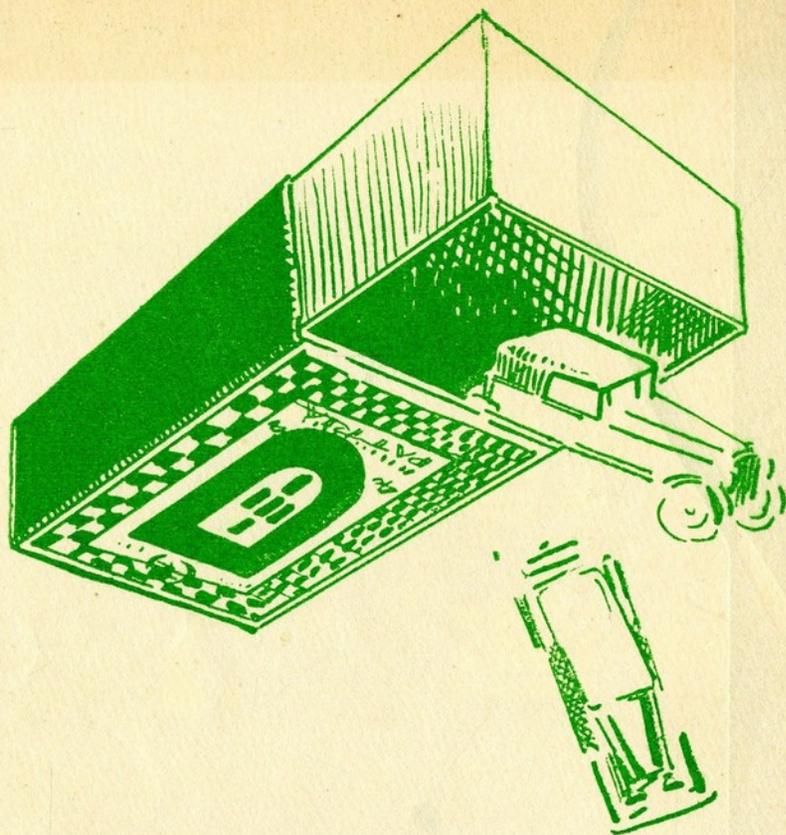
10  
9  
15

# *movimento*

*revista de  
ciencias*

# 25

*director: armando vieira pinto*



JUNTE 100 TAMPAS  
E ENTREGUE-AS NA  
R. DE PASSOS MANUEL  
JUNTO AO THEATRO RIVOLI

FIÇARÁ HABILITADO AO  
SORTEIO, PELA LOTARIA  
DO NATAL DE 1934

DE, À SUA ESCOLHA  
2 AUTOMÓVEIS OU  
45 CONTOS DE COM-  
PRAS NO GRANDELA

GRANDE CONCURSO DOS FÓSFOROS PÁTRIA

NACIONAL, DOMÉSTICOS, SEVERA, ÁGUA, VULCANO, MONDEGO, IMPERIAIS

# SENHAS PARA DESCONTO EM CINEMAS

## L I S B O A

### O D E O N

QUALQUER MATINÉE  
ATÉ 15 DE AGOSTO DE 1934

**50 %**

1 ENTRADA

### C O N D E S

QUALQUER MATINÉE  
(Excepto aos Domingos)  
ATÉ 15 DE AGOSTO DE 1934

**25 %**

1 ENTRADA

## O V A R

### C I N E - O V A R

MATINÉE DE 29 DE JULHO  
OU 5 DE AGOSTO DE 1934

**50 %**

1 ENTRADA

### C I N E - O V A R

MATINÉE DE 5 OU 12 DE  
AGOSTO DE 1934

**50 %**

1 ENTRADA

## C O N D E I X A

### C I N E - A V E N I D A

SOIRÉE DE 5  
OU 12 DE AGOSTO DE 1934

**20 %**

1 ENTRADA

## Cruz Quebrada

### C I N E - P R A I A

QUALQUER ESPECTÁCULO  
ATÉ 15 DE AGOSTO DE 1934

**20 %**

1 ENTRADA

## C O I M B R A

### T I V O L I

MATINÉE DE 29  
DE JULHO DE 1934

**30 %**

1 ENTRADA

### T I V O L I

MATINÉE DE 5  
DE AGOSTO DE 1934

**30 %**

1 ENTRADA

## V I Z E U

### T E A T R O V I R I A T O

ESPECTÁCULO DE 2  
DE AGOSTO DE 1934

**20 %**

1 ENTRADA

### T E A T R O V I R I A T O

ESPECTÁCULO DE 9  
DE AGOSTO DE 1934

**20 %**

1 ENTRADA

## M O R T Á G U A

### T E A T R O - C L U B E

QUALQUER ESPECTÁCULO  
ATÉ 15 DE AGOSTO DE 1934

**20 %**

1 ENTRADA

## Figueira da Foz

### T E A T R O P E N I N S U L A R

SOIRÉE DE 2 OU 9  
DE AGOSTO DE 1934

**30 %**

1 ENTRADA

## C O I M B R A

### T E A T R O - A V E N I D A

MATINÉE DE 29  
DE JULHO DE 1934

**30 %**

1 ENTRADA

### T E A T R O - A V E N I D A

MATINÉE DE 5  
DE AGOSTO DE 1934

**30 %**

1 ENTRADA

## A L G É S

### C I N E M A K U R S S A L

ESPECTÁCULO DE 1  
DE AGOSTO DE 1934

**50 %**

1 ENTRADA

### C I N E M A K U R S S A L

ESPECTÁCULO DE 8  
DE AGOSTO DE 1934

**50 %**

1 ENTRADA

## B E J A

### T E A T R O P A X - J Ú L I A

ESPECTÁCULO DE 2  
OU 9 DE AGOSTO DE 1934

**20 %**

1 ENTRADA

## S. JOÃO DA MADEIRA

### C I N E T E A T R O A V E N I D A

ESPECTÁCULO DE 5  
OU 12 DE AGOSTO DE 1934

**30 % em Balcão  
e 1.ª Plateia**

1 ENTRADA

## V I L A R E A L

### T E A T R O - C I R C O

QUALQUER SESSÃO  
ATÉ 3 DE AGOSTO DE 1934

**20 %**

1 ENTRADA

### T E A I R O - C I R C O

QUALQUER SESSÃO  
ATÉ 10 DE AGOSTO DE 1934

**20 %**

1 ENTRADA

## A V E I R O

### T E A T R O A V E I R E N S E

MATINÉE DE 29 DE JULHO  
OU 5 DE AGOSTO DE 1934

**30 %**

1 ENTRADA

### T E A T R O A V E I R E N S E

MATINÉE DE 5 OU 12  
DE AGOSTO DE 1934

**30 %**

1 ENTRADA

## F A M A L I C Ã O

### T E A T R O O L I M P I A

QUALQUER SESSÃO ATÉ  
15 DE AGOSTO DE 1934

**40 %**

1 ENTRADA

## PAMPILHOSA DO BOTÃO

### E M P. C I N. <sup>CA</sup> P A M P I L H O S E N S E

ESPECTÁCULO DE 5  
OU 12 DE AGOSTO DE 1934

**10 % em 2.ª plateia**

1 ENTRADA

P Ô R T O " " R U A E L Í S I O D E M E L O , 2 8 " " S A L A 4

V I S A D O P E L A C O M I S S Ã O D E C E N S U R A



QUERE V. EX.<sup>a</sup> POSSUIR  
AS PESTANAS ASSIM?  
SIRVA-SE DO ONDULADOR

— KURLASH —

REPRESENTANTE PARA PORTUGAL

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA

\\ M.<sup>ME</sup> CAMPOS, L.<sup>DA</sup> \\ Avenida da Liberdade, 35 // LISBOA //

## MOVIMENTO

REVISTA DE CINEMA

NÚMERO 25 \\ 2.<sup>o</sup> ANO \\ 25 DE JULHO DE 1934

DIRECTOR

ARMANDO VIEIRA PINTO

EDITOR-ADMINISTRADOR

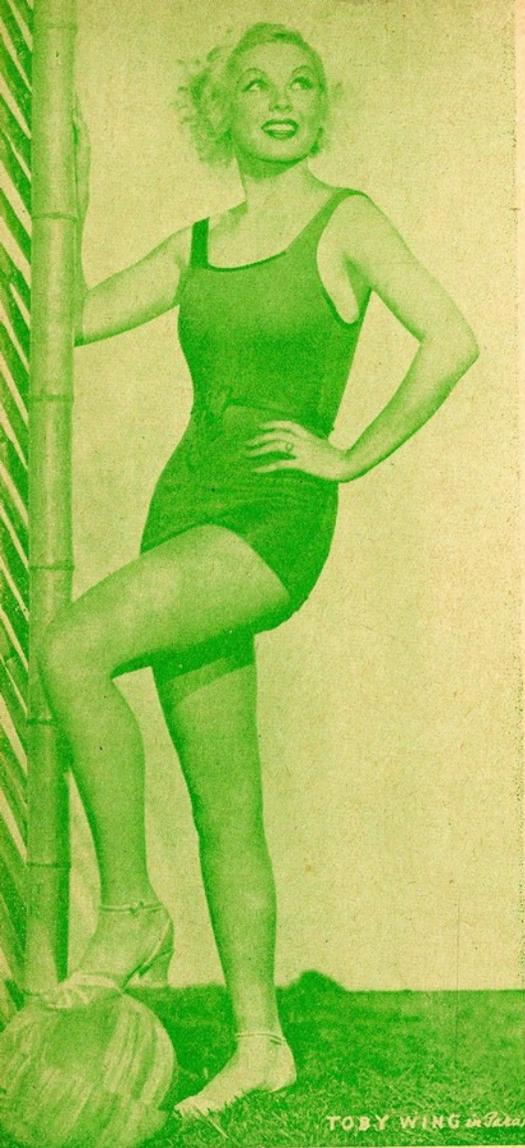
ARMANDO BARROS

PROPRIEDADE DE

ARMANDO & ARMANDO

// PÔRTO \\ RUA ELÍSIO DE MELO, 28 // SALA 4

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



A  
M O C I D A D E  
É A G R A Ç A  
D A M U L H E R

A  
M O C I D A D E  
E A G R A Ç A  
D A C A S A

É A

**M U R A L I N E**

T I N T A A Á G U A

MÁRIO COSTA & C.<sup>A</sup>, L.<sup>DA</sup>-Rua do Almada, 30-1.º e 2.º-PÔRTO

TELEFONE, 2571

# Editorial

Com êste número inicia MOVIMENTO o seu segundo ano de publicação.

As pessoas que nos acompanham desde a primeira hora calculam de-certo o esforço dispendido, a grande tenacidade com que tivemos de enfrentar as muitas contrariedades de tôda a ordem que nos surgiram durante êste período inicial. A nossa vontade inquebrantável e a nossa confiança permanente no triunfo, permitiram-nos, porém, levar de vencida todos os obstáculos, uns naturais, outros colocados propositadamente no nosso caminho pela inveja e pela animosidade alheias. A nossa vitória não é, contudo, devida exclusivamente, a nós, mas, principalmente, aos nossos leitores e amigos, que com o seu conforto e com o seu aplauso coroaram o nosso trabalho e decuplicaram as nossas energias, cabendo-lhes, pois, no fim desta primeira étape quási tôda a gloria do seu êxito.

No início desta nova série, é ainda com êles que contamos para a levar a cabo. Estamos certos de que a assistência moral que nos dispensaram não nos abandonará e que, pelo contrário, se intensificará ainda.

Para realizarmos completamente o nosso objectivo muito estimaríamos que a maior parte dos nossos leitores nos enviassem, como fazem alguns, as suas sugestões, os seus conselhos, as suas ideas sôbre o aspecto e o conteúdo da nossa revista, com a ajuda dos quais a pudessemos ir melhorando. O progresso de MOVIMENTO não depende apenas de nós—depende sobretudo de vocês, isto é, da estreita colaboração de todos. Não hesitem, portanto, em nos escrever, dizendo-nos o que pensam àcerca da nossa orientação, dos assuntos que desejariam ver tratados, do género de artigos e fotografias que preferem. Evidentemente, não poderemos fazer a vontade a todos—mas teremos dêste modo elementos para formar uma idea segura dos desejos do maior número e ser-nos-á fácil assim obter uma média das suas opiniões que nos permitam aproximar a nossa revista o mais possível do público.

Já neste número fazemos algumas inovações, desde o formato ao aspecto gráfico. Outras se lhes seguirão nos próximos números, tanto quanto possível de harmonia com as sugestões que nos sejam enviadas.

Tornada assim a nossa revista, em grande parte, obra dos nossos leitores, esperamos que estes aumentem ainda de dedicação por ela, fazendo a maior propaganda entre os seus amigos e conhecidos, angariando assinaturas, etc.

A exemplo do que fazem tôdas as revistas cinematográficas portuguesas e estrangeiras, tínhamos pensado em suspender a publicação durante o verão e iniciar esta segunda série só em Outubro no princípio da época de inverno. A necessidade, porém, de não perder o contacto com o público durante a preparação do *Número de Verão* obriga-nos a desistir dêsse propósito, tendo resolvido, no entanto, que durante êsse período MOVIMENTO se publique apenas uma vez por mês. Quere dizer, depois do presente e antes do *Número de Verão* apenas sairá um número em 15 de Agosto. Desta forma poderemos dedicar todo o nosso esforço à organização do *Número de Verão*, sem perdermos de todo o contacto com os nossos leitores.

# Os extras

Aqui está um nome que muita gente julgará de pouca monta se o relacionar com o valor de outros artistas actuando em primeiro plano interpretativo.

O *extra* ninguém sabe quem é, de onde veio e para onde vai: vemos a criada de quarto ajudando a vestir para o baile a heroína da opereta; o mordomo dirigindo o serviço na casa apalaçada; os transeuntes na rua cruzando-se com os principais intérpretes; os freqüentadores dos *bars*; os hóspedes dos grandes hotéis ou das pensões manhosas; os banhistas da praia, o público das feiras, dos cabarets e dos restaurantes.

Mas eu pergunto agora: haverá razão para assim considerar de ânimo leve essa legião faminta de glória, mina inexgotável de sonhos, de aspirações, de sofrimentos mudos?

Valerão tão pouco os *extras*, êsses anónimos dos quais de longe em longe irradia um astro?

Não. Os *extras* valem quanto pesam e nesta afirmação correntia e popular devemos julgá-los com justiça, o mesmo é que dizer com imparcialidade.

Lembram-se, por acaso, de algum filme onde os *extras* se apresentassem mal? Eu, por mim, não me lembro. Podem os actores de categoria errar a interpretação, pode uma vedeta de nome feito ter um deslize em qualquer lance mais dramático, que, no entanto, o *extra* actua sempre com propriedade e mesmo com brilho.

Inegavelmente, muitos dos chamados grandes filmes ou super-produções devem o seu triunfo, em grande parte, a essa multidão ignorada. Até o pormenor tão apreciado como elemento de categoria pelos cinéfilos «enragês»,— está sempre a cargo do *extra*; o movimento de massas humanas é-lhe distribuído e com que responsabilidades.

Contudo, o *extra* seja operário, burguês, titular, monge, soldado, cow-boy, bandido, gentleman, é conciso e sempre verdadeiro, humano. Já viram algum bandido que não *fôsse* bandido, algum gentleman que não *parecesse* gentleman, algum soldado que não *vivesse* como soldado? Eu não vi.

Por isso, honra aos *extras*. E acostume-mo-nos a olhar para êles nas fitas com atenção. O trabalho dêles deve ser notado,

catalogado como grande subsídio a contar no êxito das grandes obras de arte.

Há mesmo até quem tenha classificado os *extras* em perfeitos e imperfeitos. Demetrio Leon descreve-nos êsse ponto de vista sustentado por muitos directores. Mas no que consiste para êles a perfeição? Eis os pontos—bases em que se apoiam os mestres de Hollywood: 1.º Estar na cena à hora marcada. 2.º Possuir um guarda-roupa sempre adequado. 3.º Saber maquilhar-se. 4.º Considerar o seu trabalho como parte vital na produção.

Mas Demetrio Leon elucida-nos logo em seguida, bem à «americana» ter o director Richard Boleslawsky encontrado a *extra* perfeita. Trata-se nada mais nada menos de uma das belezas do novo filme de Marion Davies «Operator thirteen»—um filme de espionagem, firmado Metro-Goldwin Mayer. Chama-se a beldade Ruth Magden e vai para seis anos que trabalha como *extra*.

E agora um pouco de estatística. Sabem a quanto subia o número de figurantes de ambos os sexos inscritos no «Central Casting Office» no ano passado? 40:000! Quarenta mil, repito por extenso.

Este número tem qualquer coisa de apocalíptico para quem olhar os números como êles devem ser olhados e os entender. E sabem qual o número empregado pelas várias firmas produtoras americanas? Em média 2:000 por dia. Volto a repetir por extenso: dois mil por dia. E sabem quanto ganham êsses *extras*? 5, 7 e 10 dollares conforme o traje que teem de vestir.

Mas quantas vezes ao postigo do escritório da distribuição do serviço para os estúdios, aquela bicha de gente se desfaz desiludida, pois nem sempre há que fazer.

E aqui teem, em duas penadas, o que hoje me resolvi escrever sôbre um assunto que considero de magna importância. Entendo que os *extras* devem ser apreciados no cinema tanto como os galãs ou mais do que os galãs e vedetas, pelo público que se prezar de ver um pouquinho mais além.

Alexandre de Médicis



Reparem nesta fotografia de Lupe Velez. E digam-nos depois se o Wissmuller, desejoso de conservar o seu físico e as suas energias físicas não andou prudentemente, abreviando o mais possível a intriga amorosa que os prendia um ao outro.

Pela nossa parte talvez não tivéssemos a mesma coragem, a mesma prudência e a mesma força de vontade... Mas nós, latinos dos quatro costados, e vivendo, ainda para mais, numa terra onde as mulheres bonitas estão em eclipse total, somos suspeitos.

## O novo filme de Jean Harlow

O novo filme de Jean Harlow, que primitivamente se intitulara «100 % pura», mudou de nome, chamando-se agora: «Nascida para ser beijada».

Os principais intérpretes são, além da vedeta platinada, Lionel Barrymore, Franchot Tone, Lewis Stone e Patsy Kelly.

O cenário é da célebre novelista Anita Loos.



Desenho de  
CARLOS CARNEIRO

# noticias &

## Um jardim curioso

O vasto jardim construído nos estúdios da Metro-Goldwin-Mayer para a filmagem de algumas cenas de «A Viuva Alegre» foi pavimentado com uns ladrilhos especiais, chamados «ladrilhos silenciosos» e especialmente destinados a absorver por completo o ruído dos passos.

Como se sabe, «A Viuva Alegre» é desempenhada por Maurice Chevalier e Jeanett Mac-Donald, e está a ser filmada debaixo da direcção de Ernest Lubitsch.

## A «tourné» de Jeanett Mac-Donald

Os projectos de Jeanett Mac-Donald quanto a uma «tourné» pela América do Sul e Europa, foram adiados SINE-DIE, devido a ter sido escolhida para desempenhar as protagonistas dos filmes: «The Duchess of Delmonico» e «Naughtes Mariette».

No primeiro, o seu galã será Clark Gably, no segundo, o célebre barítono americano Nelson Eddy.

## Joris Ivens ao serviço do cinema soviético

O célebre cineasta holandês Joris Ivens, o autor de «Pont d'Acier», «Assèchement du Zuyderzée» e «Symphonie Industrielle», recebeu o ano passado a rara honra de ser convidado, pelos dirigentes do cinema soviético, a participar na efectivação do programa de filmes que devia glorificar as «realizações do socialismo». A' sua parte coube-lhe a direcção dum filme sobre as instalações mineiras e siderúrgicas de Koussbass e de Magnitogorsk, intitulado: «Quando a Juventude tem a palavra». (E' curioso notar que a censura francesa se opôs à exibição deste filme, a-pesar-dêle se limitar a uma reportagem sobre o trabalho, concebida num largo estilo lírico, sem cair nas deformações de propaganda ou dum espírito anti-social...)

Ora Joris Ivens acaba de partir de novo para Moscou e esta viagem confirma certas indicações que anunciavam que o cinema soviético procurava renovar-se em contracto com o espírito, a estética e a técnica de comprovados va-

lores estrangeiros. Ivens está encarregado de estudar a realização dum filme tirado do romance de Malraux, «Condition humaine», como já foi anunciado em MOMENTO. Desde a saída dessa obra, que havia de ganhar o Prémio Goncourt, várias pessoas pensaram que dela se pudesse extrair um filme excelente. Assim pensou, igualmente, o seu autor, que designou Joris Ivens como o único realizador capaz de transpor o seu livro para a tela.

Travaram-se as primeiras negociações sobre o assunto, mas em consequência das exigências duns e das reservas de outros, não se chegou a um resultado positivo. Até que Malraux tratou de fazer o filme na U. R. S. S.... Ivens contratado pela Meschrabpom, está de mãos à obra com a pesada tarefa que tem a ombros e que será levada a cabo por um longo e sério trabalho, devendo as filmagens ter lugar na China onde se fará uma demorada expedição.

verdadeiros que ao cinema prestam o seu saber e a sua inteligência.

## Agradecimento

Comovidamente aqui fica o nosso agradecimento a todos aqueles que connosco se solidarizaram no momento amargo da morte do Dr. Luiz Guedes de Oliveira nosso querido amigo e camarada.

## Aviso

Até à próxima época cinematográfica MOVIMENTO passará a publicar-se apenas mensalmente, a 15 de cada mês. Dêste modo sairá o n.º 26 a 15 de Agosto, a 15 de Setembro o NÚMERO DE VERÃO, e a 15 de Outubro o n.º 27. Daí para diante, MOVIMENTO retomará a sua cadência habitual de publicação, ou seja 1 e 15 de cada mês.

Para evitar possíveis mal-entendi-

# COMENTÁRIOS

Depois de «Condition humaine», Ivens deve realizar por conta dos soviétes um filme sobre a aeronautica russa, considerada como um auxiliar da civilização, do comércio e da agricultura (exploração de terrenos afastados, procura de nascentes de água, transportes a longa distância, destruição de parasitas, etc.). A seguir o jovem cineasta holandês dirigirá ainda um filme sobre «o internacionalismo na U. R. S. S.», que mostrará a cooperação de homens de tôdas as nações, chamados a colaborar com os russos no desenvolvimento do país.

A estadia de Joris Ivens na U. R. S. S. deve durar possivelmente dois anos.

Para findar deve lembrar-se que nos países ocidentais nunca foi prestada a Joris Ivens grande atenção... como, de resto, acontece com todos os valores

dos, fazemos notar que a assinatura da nossa revista não é feita por meses, mas sim por números, de modo que, com êste afastamento de publicação, ninguém é prejudicado.

## Um curioso inquérito

Encontram-se actualmente trabalhando no Teatro da Exposição inúmeros artistas portugueses.

MOVIMENTO vai fazer-lhe várias perguntas sobre cinema, começando a publicá-las no próximo número.

Desde que, pela quási completa ausência de amadores, os produtores de filmes portugueses se veem na necessidade de fazê-los desempenhar pelos nossos actores teatraes, parece-nos curioso saber o que pensam os forçados intérpretes do cinema nacional.

# Salomão

Eu, que deixara de ser Salomão para ser Smith, voltava agora, aquela mesa do wagon *restaurant*, a ser Salomão.

Eu voltava a ser eu. Não sei bem explicar êste caso.

Mal eu entrei na carruagem e arrumei as malas, reparei nuns olhinhos vivos, resguardados por uns óculos de tartaruga que me fixavam com insistência estranha.

Depois vi uma espessa manta que envolvia um corpo enfezado, e vi ainda, por debaixo, um sobretudo.

(Eu devia ter dito no princípio que esta

verídica passagem da

minha vida sucedeu no inverno passado).  
Ora aqueles olhinhos não me largavam.

E mal eu comecei a ler *Quand Israel sera roi* o homenzinho, dono dos olhos e dos óculos, agitou-se no banco estafado deixando cair a manta.

Foi nesta altura que eu puxei da lapiseira e fingi anotar o livro.

A agitação do homem excedeu o próprio homem. Meteu conversa.

E perguntou-me se eu era judeu.

Ele era Abraão e negociava em artigos religiosos, dos santos à água de Lourdes, com pouca fé e muitos lucros...

...Comissões, consignações e conta própria...

Pois, foi com Abraão, filho, como eu, de Geovalí, o das barbas, que, atacando um lombo de vaca assado, filosofei acertadamente e adquiri uma convicção absoluta neste meu acidental trato com os homens à pesquisa da verdade.

—«Ouça, meu caro Salomão, o segrêdo da chave da vida resume-se, afinal, numa vontade forte, aliás, num conjunto de convicções profundas».

Se eu tiver certezas, convicções, a vida decorrerá normal.

Pois que para tudo encontrarei solução.

Sem certezas, sem convicções, não se vence na vida».

—«Poder-se-á não vencer, mas pelo menos vive-se».

—«Chama viver a vegetar?»

Viver, é querer profundamente, é impor a nossa vontade, é condicionar o meio a nós, é criar uma réplica ao ambiente que nos cerca e não... transigir cobardemente. E para vencer, e para condicionar o meio, e para moldar o ambiente, é necessário ter certeza, ter convicções.

O resto é vegetar, é viver por ver que os outros vivem, é seguir, mecânicamente, numa passividade de carneiros, a opinião dominante.

Eu, sou-lhe franco, sou um revoltado. Revoltado contra tudo e contra todos. Eu só estou de acôrdo comigo mesmo. Quando ajudo outro é só aparentemente, é só porque êsse outro pensa como eu penso.

Ajudo-o para que êle me ajude a mim. Egoísmo? Aristocracismo?

Nada disso.

E', antes, a consciência do meu valor próprio.

E' a certeza na certeza do triunfo das minhas convicções.

—«Mas tem convicções suas, convicções de uso próprio?—interrompi eu, cortando a fogaosidade de Abraão».

—«As minhas convicções são diferentes das convicções dos outros.

Ou melhor. As convicções dos outros e as minhas são substancialmente as mesmas. O fundo é o mesmo:

Ética, domínio, discricionalidade subjectiva.

Mas os outros seguem, no desenvolvimento dessas verdades primárias, um caminho diferente do meu.

Eles seguem o caminho que outros, antes dêles, já seguiram.

Não inovam, não criam.

Eu, no desenvolvimento das primeiras verdades, sigo a ética que está adormecida dentro de mim, desenvolvo o domínio que forma parte da minha maneira de ser.

Eu, sigo-me sempre.

Nunca sigo os outros.

«Que me interessam os outros?»

—«Mas não se pode viver sem os outros. Não nos podemos fechar dentro de nós e dizer como Platão! Tudo está dentro de mim».

—«De-certo. Eu não posso viver sem os que, no desenvolvimento das suas acti-

vidades satisfazem as minhas necessidades primordiais.

Eu não podia passar agora sem o maquinista que conduz êste combóio, sem o fogueiro que alimenta esta fornalha, sem o cosinheiro que preparou êste jantar.

Mas se não posso tornar-me livre do seu domínio material, posso emancipar-me das suas convicções, da tutela mental que êles me queiram impor.

Portanto, se há uma subordinação material, subordinação necessária, não há subordinação mental.

Os meus pontos de vista, não podem ser condicionados pelas maneiras de ver do meu fornecedor de carnes, pelo simples motivo de eu depender dêle».

—«Mas, dependendo dêle, como nota, como confessa, está, ainda que materialmente, subordinado».

Não tem pois completa independência.

—«Não há, como julga, uma subordinação completa ao meu fornecedor.

Há, sim, subordinações recíprocas. Se eu preciso dêle, não é menos certo de que êle depende de mim.

Sem o meu dinheiro que seria dêle?

Há, assim, um condicionamento de actividades.

Eu para êle e êle para mim».

—«Mas, reconhece nesse caso que há uma ligação, uma necessidade de solidariedade que devia unir os homens?»

—«Há solidariedade material e não intelectual.

Intelectual há só influências, recíprocas influências, maneiras de sentir idênticas.

Nada mais.

O resto, é passividade».

Acabara o jantar. O criado cortára a nossa discussão impondo a conta.

Tínhamos a pagar 150 francos *service compris*.

Puxei da carteira e dispunha-me a pagar, quando Abraão propôs: Dividamos a despesa.

—«Assim, nenhum de nós ficará onerado. Paga cada um o que a cada um compete».

—«Disto assenta a velha justiça de Salomão, meu homónino.

Seja como quere».

E pus sôbre a mesa 75 francos.

Já no corredor, o meu amigo comentou: «Caríssimo êste serviço!

Setenta e cinco francos! Uma pequena fortuna, não acha?

Mas isto é um roubo.

Confesso-lhe..., irritam-me sobremaneira aqueles que aproveitam as ocasiões para se fazerem pagar.

E' o caso aqui. Como somos obrigados a ir jantar ao *wagon restaurant*, como não há concorrentes tratam de nos roubar.

Que ladrões!»

Reparei melhor no Abraão. Estava mais corado do que permitia a pequena garrafa de *Bordeaux rouge* com que acompanhara o jantar.

Vi que estava irritado.

Então, para mim mesmo, no remanso quieto da minha consciência, filosofei amargamente:

«Os homens? Que barro frágil?»

Êste, afirmava que o fornecedor não o influenciava mentalmente, não o tutelava.

Proclamou a sua independência absoluta.

E agora está irritado, aborrecido, nervoso, por um facto que, depende directamente do seu fornecedor.

Afinal era verbalismo, só verbalismo.

Mas, o que é a vida exterior, senão verbalismo?

A verdadeira vida, é a interior, a que os outros não veem.

«O homem só atingirá a verdade olhando para dentro de si».

Pus-me a olhar para dentro de mim, mas, com o esforço que fiz, adormeci.

José Augusto

DO LIVRO «SALOMÃO»  
ESCRITO POR JOSÉ  
AUGUSTO E A PUBLICAR  
EM EDIÇÃO «MOMENTO»

Desenho de  
CANELAS



Lezíria ardente. O sol é como um toiro  
Fugido da manada das estrélas.  
Bravo, valente... O trigo é farto e loiro  
E nas quebradas cantam filomelas.

Passam môças morenas. Só de vê-las  
O coração parece um guizo de oiro...  
Trazem saias de chitas amarelas  
E o olhar de veludo dum rei moiro.

E a cavalgada alegre dos campinos  
Montando os seus cavalos pequeninos  
Quebra a tranqüilidade da manhã...

Tôda essa festa gárrula e bonita  
Vive agora num quadro que se agita  
Na inconstância eterna do écran.

*Baltasar Fernandes*

Desenho de  
CARLOS CARNEIRO



gado bravo

# protesto

Cheguei ao Pôrto, entrei na redacção e fui recebido com estas deleitosíssimas palavras do director:

— Ainda bem que você chegou. Tenho aqui uma página para si. O meu caro amigo vai imediatamente escrever um artiguinho intitulado «Protesto».

— Protesto! Contra quê?

— Ora, oral Contra o que quiser. Você passa a vida a protestar contra o cinema burguês, contra as cinéfilas estúpidas, contra as críticas vendidas, contra a indiferença do público, contra Henry Garat, contra tudo e contra todos, de modo que não lhe deve dar grande trabalho escrever aí num instante um artigo de protesto.

Desconsoladíssimo, protestei contra esta ordem da direcção: que estava muito calor, que o mar era uma delícia, a praia uma tentação, que estava em férias, que tinha um desejo louco de estar de acôrdo com tôda a gente, de chamar inteligentes aos críticos dos diários, de dar palmas ao Henry Garat, de afirmar que as cinéfilas, afinal de contas, tinham umas bôcas apetitosas, sabiam andar e que não eram, decididamente, granditicamente estúpidas.

De nada serviram os meus protestos.

O director empurrou-me para a banca de trabalho, pôs-me na frente um lote de linguados, ofereceu-me amavelmente a caneta e ordenou aos outros: silêncio! o Fernando Barros vai produzir!

Agora, a sós com vocês, vou dizer a verdadeira causa porque eu não queria escrever o artigo de protesto.

E' que já me convenci de que não vale a pena.

Sim, deixemo-nos de ilusões.

Quer a gente proteste, quer não, as coisas continuarão a ser lamentavelmente na mesma, tanto em cinema como em todos os aspectos da actividade humana.

A creditem. Ainda que nos esfalfemos a protestar, o cinema capitalista há-de continuar a dar-nos, com uma regularidade aflitiva, uns pastelões indecentes, género «Sinal da Cruz», de que os críticos em boas relações com as emprêsas hão-de dizer maravilhas; as cinéfilas continuarão a ser umas coisas que só servem para dançar connosco nuns bailaricos pires; os galãs palermas hão-de ter muito mais popularidade que os realizadores verdadeiramente artistas; pelas paredes continuarão a aparecer uns cartazes medonhos como aqueles que dizem: «Nuestros saludos a Gálcia»; ninguém se convencerá que há muito mais poesia na «Romanza Sentimental» do que num soneto do sr. dr. Júlio Dantas — e tudo no mesmo género.

Já vocês vêem que não vale a pena.

De forma que se me dão licença, fico por aqui.

Prefiro a filosofia serena dum encolher de ombros, às palavras sibilinas e inúteis dum protesto.

Não, não vale a pena.

O director se quiser, que proteste.

Eu vou tomar banho para a Foz.

Fernando Barros

# Dirige Leitão de Barros

*Que não se admirem, aqueles que nos julgam inimigos da TOBIS, da prontidão que pusemos em entrevistar Leitão de Barros, realizador do seu segundo fonofilm.*

*Leitão de Barros não tem culpa nenhuma das tolices dos seus antecessores no posto que hoje ocupa.*

*De resto, nós não discordamos da TOBIS, mas sim do caminho que tem seguido. Afirmamos, de antemão, que falhariam os processos usados, e esses processos falharam, estrondosamente.*

*Estamos convencidos de que não será ainda a gerência actual que carilizará as coisas.*

*Mas isso, nem é razão para tirarmos a nossa confiança ao artista consciencioso e honesto que é Leitão de Barros, nem para deixarmos de informar os nossos leitores.*

*A explicação é simples, como se vê.*

Gentilíssimo, Leitão de Barros declara ao empregado que nos introduziu:

— Não estou para ninguém!

E assim ficamos isolados no seu cantinho fresco do «Ilustrado» para falarmos de tudo, até de cinema.

Quando vem ao Norte, Leitão de Barros vem sempre à redacção trazer-nos umas horas da sua conversa agradável e curiosa. Era meu dever não deixar de lhe pagar a visita.

E depois, em vésperas de iniciar as filmagens das «Pupilas», Leitão de Barros tinha, com certeza, coisas para me dizer.

Instalamo-nos. Fraulein Flora, encostada aos azulejos azues da parede, quasi tam azues como os seus olhos infantis e luminosos, perde-se num sonho distante, feito de calma placidez e nostalgia muito leve, coisas tam incompreensíveis para nós, latinos feitos de nervos, como para ela, alemázinha adolescente, a língua sonora em que falamos. O calor aperta. Uma lufada

quente de fornalha vem da rua, onde as pedras escaldam, cada vez que alguém entra ou sai. Enquanto o Manuel de Oliveira escuta, eu e o Leitão de Barros conversamos.

— Porque escolheram as «Pupilas»?

— Quando me chamaram, da TOBIS, para a realização do seu segundo filme, propus-lhes as «Pupilas» ou a «Balada de Coimbra». Pediram-me 48 horas para ser tomada uma decisão. Findo esse prazo,

escolheram as «Pupilas». Vamos, portanto, filmar as «Pupilas».

— Ficou contente com a escolha?

— Fiquei. O assunto presta-se. Possui, sobretudo, esta grande qualidade: não é o espectáculo de uma cidade nem de uma região. É um espectáculo nitidamente de hoje, no sentido de possuir um interesse que não se dirige a uma ou outra camada, mas a todas as camadas.

— E como vai defender-se das dificuldades de fazer sentir o conflito, nitidamente romântico, ao espectador de sensibilidade totalmente diferente?

— Muito simplesmente. Transpondo-o. Compreende o que eu quero dizer. Suponha você que eu fui, de passagem, conversar com um velhote meu amigo que se chamava Júlio Diniz. No decorrer da conversa tive ocasião de conhecer a história que deu lugar à novela.

Pelo caminho, pensando na conversa e na história que me tinha sido contada, vi ali um bom cenário de cinema. No entanto, não deixei de pensar: «este bom velhote tem 85 anos e é um romântico ferrenho».

E aqui está. Aproveitando o assunto mas não esquecendo esta particularidade, vou fazer um filme.

As palavras do realizador de «As Pupilas do Senhor Reitor» explicam tam claramente os seus intuitos, vestem com tal justeza a sua idea que é desnecessário insistir nelas ou comentá-las.

Leitão de Barros ignora o romance, incompreensível para a sensibilidade actual. Conhece apenas o conflito que lança umas contra as outras as figuras da novela, a sua psicologia, o seu drama, o seu «porquê» o seu «para quê» o seu «de onde» e «para onde» interiores.

O calor aperta. O meu entrevistado, amável, manda vir coisas «frescas» — palavra com que em Lisboa, não sei porquê, se designam as coisas «geladas». Fraulein Flora desce, por momentos, do seu longínquo vaguear, para molhar os lábios amorangados num «capilé» genuinamente alfacinha.

E eu insisto:

— Onde localizará a acção?

— Moveram-se influências para que fôsse em Ovar. Mas eu não consegui descobrir, no romance, a mais pequena reminiscência ribeirinha.

— Parece-me que talvez os arredores de Vizela lhe conviessem.

— E' essa, exactamente, a minha idea. Santo Tirso, Vizela, Negrelos, qualquer localidade dessa zona deve convir-me em absoluto.



— E os intérpretes?

— Não estão ainda escolhidos em definitivo. Devem assinar-se hoje alguns contratos. Pode no entanto afirmar já que o actor Joaquim Almada fará o papel do «Prior». Teresa Taveira e Adelina Abranches farão, também, parte do «cast». Com estas duas vou fazer o que costumava fazer o Charlof, no tempo do mudo, com os seus intérpretes. Vou deixá-las absolutamente à vontade, fazendo o que lhes apetece, e como lhes apetece. Posso confiar cegamente em qualquer das duas, e obterei, dêste modo, a maior naturalidade possível.

— Fala-se em Lino Ferreira e no Oliveira Martins...

— Lino Ferreira fará, possivelmente, o «João Semana». Quanto ao papel do «Daniel» pensou-se, a princípio, no Oliveira Martins. Mas tôda a gente me diz maravilhas de um rapaz, negociante de automóveis, que se chama Paiva Rapôso.

A serem verdadeiras as opiniões que me tem sido transmitidas, é um galá estupendo.

Vamos a ver.

A conversa tem-se arrastado lentamente. Assim como o Pôrto, com a sua severidade e a sua tristeza, convida ao trabalho, como única distração existente, Lisboa convida à preguiça, com a sua luz maravilhosa, o seu movimento, a sua alegria, a graça das suas mulheres e do seu sol sem igual.

Da Tobis telefonam:

— A actriz Adelina Abranches já chegou.

E Leitão de Barros diz:

— Tenham paciência, mas não a posso fazer esperar.

Fraulein Flora acorda. Saimos. O calor sufoca. O sol é uma labareda erguida. Pelo caminho, pergunto ainda,

— Quando se iniciam as filmagens?

— Imediatamente. Sigo amanhã para Coimbra, a fim de fazer umas experiências e ver se consigo aproveitar ainda os estudantes antes das férias.

— Quando esará o filme pronto?

— Lá para Setembro.

E despedimo-nos.

*Armando Vieira Pinto*

LEITÃO DE BARROS  
DIRIGINDO O DES-  
FILE DO CORTEJO  
DE VIATURAS



com um diálogo cheio de espírito e um desempenho magnífico (sobretudo de Chester Morris), «A Máquina Infernal» surpreendeu-me agradabilíssimamente e divertiu-

me a valer. E aqui torno pública a minha satisfação por ver que os americanos, quando querem, também sabem fazer bons filmes satíricos.

*A Máscara da Outra*

— Um filme despretençioso, interessante e agradável, se bem que conduzido dentro de moldes teatrais bem evidentes. A atenção do espectador fixa-se exclusivamente sobre a história, de facto atraente e bem conduzida, aliás sob uma direcção nada excepcional e de modesto estilo comercial cinematográfico.

Ronald Colman, ausente por tão longo tempo dos nossos ecrans, surge-nos num desempenho excelente, cuidado e sóbrio, em nada inferior aos seus anteriores trabalhos. Encarnando duas figuras totalmente diversas — se bem que uma extraordinária semelhança física as confunda — soube defini-las com detalhada precisão e segurança, como bom actor que é. Gostei bastante da sua interpretação, a todos os títulos notável.

*A Máquina Infernal*

— Antes de ver este filme confesso que não dava nada por ele. Enganei-me redondamente. Mas quem adivinharia que título tão pouco sugestivo escondia uma das comédias mais espirituosas, mais deliciosamente humorísticas do cinema americano!...

A constante ironia e o saboroso ar de troça que acompanham todo o enredo não só lembram René Clair em alguns detalhes, como se aproximam extremamente, pelo estilo e pela subtileza com que nos são dadas certas situações, da maneira de Lubitsch — não do Lubitsch grandioso, enfatuado e ôco da «Parada do Amor» e que tais, mas do Lubitsch humorista inteligente e talentoso de «O Leque de Lady Margarida» ou de «O Ladrão de Alcova».

Realizado com habilidosa simplicidade, repleto de engraçadíssimos quiproquos,

*A Canção do Oriente* — Parece que o público americano gosta de variar de ambientes, parece que aprecia um certo exotismo convencional feito de encomenda para a sua mentalidade e o seu gosto pouco apurado. E os produtores não se negam a satisfazer-lhe os desejos fabricando filmes lambidos, idiotas, banhados em duvidosa «côr local» a disfarçar batidíssimas historietas sentimentais.

Desta vez transportaram para um ambiente oriental um conflito à americana, mascararam de chineses os diversos personagens e puseram-nos uns diante dos outros pensando e agindo da maneira mais cômicamente falsa. Claro que nenhuma pessoa medianamente inteligente toma aquilo a sério... mas, mesmo a rir, Canção por Canção, antes a de Lisboa.

*Reunião* — A base desta história, meio pretenciosa meio ridícula, possivelmente baseada nas ideias freudianas merece até certo ponto um relativo interesse.

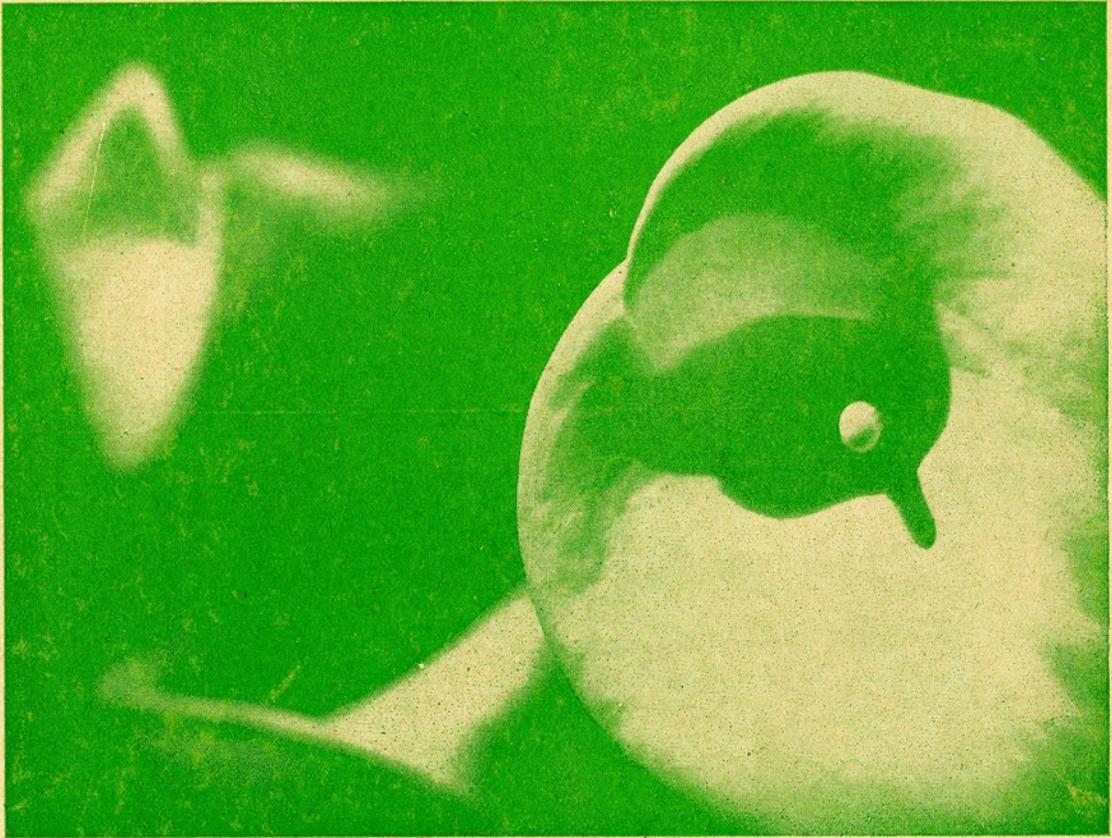
Mas o diabo é a maneira de pôr o problema...

A parte todo o convencionalismo de certas situações, a condução e resolução do conflito são desconcertantes e dificilmente aceitáveis. De resto, as teorias daquele marido psicologista não são suficientemente convincentes... a-pesar-de-ê-le-as-pôr-à-prova-com-parcial-sucesso. E eu, com toda a franqueza, não aconselho aos maridos, mesmo aos mais confiantes, tam arriscado processo para banir da mente de suas esposas a permanente recordação de qualquer aventura sentimental passada que se entreponha a ambos.

Isto quanto ao argumento. Quanto à realização ela é vulgar e sem realce, assim como o desempenho de John Barrymore e Diana Wynyard.

Continua o nosso camarada Francisco Viana aumentando os seus títulos de glória.

A foto que hoje publicamos, premiada no último SALON INTERNATIONAL DE PHOTOGRAPHIE em Bruxelas, entre mil e tantos trabalhos, demonstra bem o seu alto valor artístico e as suas raras qualidades técnicas.



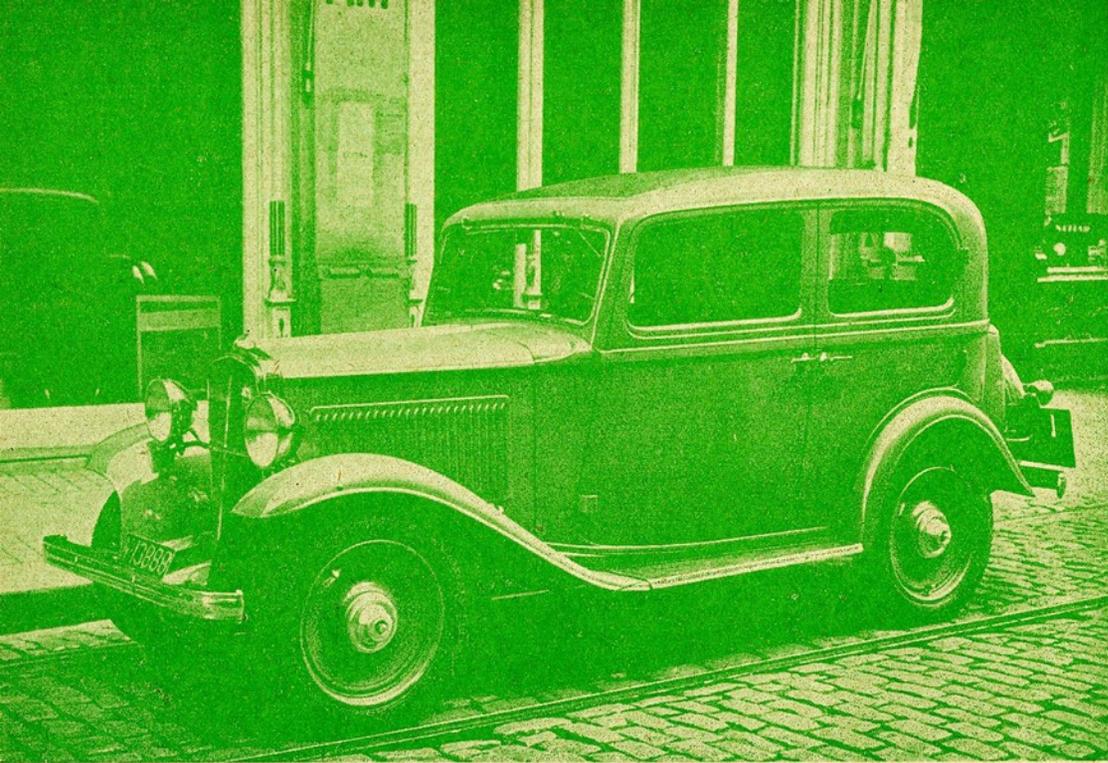
## «JARROS» — FOTO DE FRANCISCO VIANA

Aristocrata pela escolha dos motivos e humaníssimo pela sinceridade, emoção e simplicidade que põe no seu tratamento, Francisco Viana possui, entre os grandes fotógrafos portugueses, um lugar que conquistou por direito, modesta, mas iniludivelmente.

Não há, neste Artista de moderna e profunda visão o mais pequeno toque de cabotinismo.

Os seus trabalhos vão progressivamente impondo-se pelo seu valor real, sem que o Artista se sirva, a favor do seu nome, das influências que tantos nomes têm destacado na nossa terra: o exotismo, a amizade, a publicidade, quer incidiosa e lenta, quer estrondosa e rápida.

MOVIMENTO arquiva nas suas páginas, honrando-se com isso, mais um triunfo do Artista. E todos nós nos alegramos sinceramente ao lado do velho amigo e do camarada firme.



# Inscriva-se para o Número de Verão

No dia 30 do corrente fecha definitivamente em todo o país o prazo de inscrição para o nosso NÚMERO DE VERÃO. A nossa iniciativa constitui um legítimo sucesso para a nossa revista. Sucesso êsse tanto mais valioso quanto é certo que representa apenas o apreço e a aceitação do público.

A tiragem do nosso NÚMERO DE VERÃO será de 44:000 exemplares, cifra formidável para uma revista de cinema, num país como o nosso, de limitadíssima capacidade para estas iniciativas.

No próximo número, último que publicaremos antes do NÚMERO DE VERÃO e das férias a que temos direito depois de

um ano de luta constante, publicaremos a cifra exacta da tiragem, bem como todas as condições do sorteio, que fomos obrigados a modificar, não só porque o número das inscrições excedeu a nossa expectativa, mas também porque a Santa Casa da Misericórdia modificou o plano das suas extracções.

Mas não queremos desde já deixar de louvar a boa vontade e dedicação de todos os nossos correspondentes, factor importantíssimo do sucesso da nossa iniciativa, como não queremos também deixar de agradecer publicamente aos jornais diários: «O Primeiro de Janeiro», o «Jornal de Notícias», do Pôrto e «Diário de Lis-

boa» e «República», de Lisboa, que gentilissimamente apoiaram a nossa iniciativa.

Terminando o seu primeiro ano, **MOVIMENTO**, revista independente e livre, dá, com a publicação do **NÚMERO DE VERÃO** uma prova de vitalidade que não admite dúvidas e entra, com o pé direito, no seu segundo ano que será, temos a certeza, a consolidação definitiva da nossa obra, feita de esforço, honestidade, perseverança e trabalho.

A morte roubou um dos nossos mais queridos camaradas. A vida levou alguns outros para muito longe. A inveja e a deslealdade saíram-nos ao caminho. Muitos e variados foram os obstáculos que tivemos de vencer... e vencemos. Seja-nos portanto lícito crer firmemente numa vitória que já não está longe e que será justa porque foi ganha à custa do nosso trabalho e da nossa pertinácia.

Como se sabe, o **NÚMERO DE VERÃO** publica-se a 15 de Setembro futuro, sendo sorteado entre os seus possuidores os seguintes prémios:

1.º **UMA CASA** construída no local do continente que o premiado designar, sendo o terreno pago até à importância de 20 contos.

2.º **UM AUTOMÓVEL** «Fiat» do modelo «Balila» de grande luxo.

3.º **UM MAGNÍFICO PIANO DE CONCERTO** Gustav Lutze.

4.º **UMA MOBÍLIA DE SALA DE ESTAR**, composta de 9 peças, toda em contra-placagem com estofos de veludo, trabalho primoroso dos Grandes Armazens Nascimento.

#### O 3.º PRÉMIO DO NOSSO NÚMERO DE VERÃO

Este piano de concerto, um maravilhoso Gustav Lutze, constitue o 3.º prémio do nosso **NÚMERO DE VERÃO**. É um prémio excelente, quer pelo seu valor, quer pela sua utilidade, quer, ainda, pela marca escolhida.

5.º **UM APARELHO DE FILMAR** Agfa-Movex dotado dos mais modernos aperfeiçoamentos.

6.º **UM APARELHO DE RÁDIO** da afamada marca **COLOSSAL**, chamado, e com razão, «o aparelho das audições maravilhosas». Oferta da Sociedade Comercial Luso-Americana.

7.º **UM FOGÃO** modelo «Noivado» todo chapeado a alumínio, e **UM TREM DE COSINHA COMPLETO**, oferta da casa Tomaz Cardoso da Rua de Santa Catarina.

8.º **UM CHEQUE DE 2.500\$00.**

O **NÚMERO DE VERÃO**, como temos já dito, não será vendido avulso, sendo apenas entregue às pessoas que se tenham previamente inscrito para o receber, em qualquer tabacaria, pelo preço de 7\$50.





mais amável possível para com os nossos camaradas de Hollywood.

Recebe-os sempre, conta-lhes a vida desde pequena, enfim: é tam aberta e franca, que os directores do studio se viram forçados a proibir-lhe terminantemente as entrevistas.

Como se vê, por lá, também há de tudo...

Num dos últimos folhetos de publicidade que recebemos da Metro-Goldwin vem esta nota curiosa:

May Robson é capaz de nadar emquanto fôr capaz de falar.

Ora aqui está uma resistência francamente excepcional, se não esquecermos que se trata duma mulher e que a resistência dêste simpático sexo bate, de longe, no que respeita a «pio» a de todos os oradores vivos, mortos e por nascer.



### Prêso por ter cão

Como se sabe, entre tôdas as artistas de Hollywood, a que menos importância liga aos jornalistas é a célebre Greta Garbo. Nunca os recebe, nunca lhes concede entrevistas. O departamento de publicidade da Metro suplica, suplica, e Greta Garbo sorri, mas não acede.

Ora acontece que a encantadora Margaret Sullavan, ao contrário, é o



### Uma boa piada

Certa revista francesa, com um «humour» todo parisiense, pergunta ao relatar a notícia de que vai ser feito na América um filme sôbre Joana d'Arc.

— Não será neste que vamos ver Joana d'Arc casar-se com o rei Carlos VII?



### Que grande sarilho

Como é sabido, é uso dos artistas de Hollywood que desejam divorciar-se rapidamente, passar a fronteira e ir requerer o seu divórcio a qualquer cidade fronteiriça do México, onde as decisões judiciais dêsse género são rápidas e... muito mais em conta.

Pois muito bem. O Govêrno do México, sem tir-te nem guar-te, acaba

de pregar uma boa partida a estes oportunistas, decretando que sejam anulados todos os divórcios ultra-rápidos pronunciados em Chihuahua, em Morelos, em Campeche, etc.

E aqui temos nós alguns velhos conhecidos nossos, como Richard Dix, Max Baer, Hoot Gibson, Sally Eilers, Jack Holt, Zita Johann, etc., absolutamente encravados para decidirem se são casados e, alguns deles até, se não serão casados com mais de uma pessoa ao mesmo tempo.



## Um passado perigoso

Miss Sandra Shaw, a nova mulher de Gary Cooper, parece não ter medo dos fantasmas. De outro modo não teria escolhido um marido que possui, no seu passado amoroso, nomes (nomes e os respectivos corpos) como o de Clara Bow, o de Lupe Velez, o de Evelyn Brent, etc. Por isto se demonstra que Miss Sandra Shaw não é medrosa, nem deve ser nenhuma peste. Porque, não haja dúvida. Para escolher bem, o sonsinha do Gary Cooper, está por ali!...



## Porque não fala Harpo Marx

Groucho Marx, quando o interrogam acêrca da razão por que o seu

irmão Harpo não fala, declara solene e tristemente:

— Remorsos!

E depois explica:

— Quando nasceu, Harpo abriu os olhos, passeou-os à volta do leito por sôbre as «nurses» e declarou imediatamente:

— Fico com a loira!

Depois, resolveu nunca mais falar, assustado com a sua precocidade e o seu bom gôsto.



## Que dirá o Maurice?

Corre com insistência, nas «poti-nières» de Hollywood, que a nova mulher do simpático cançonetista francês será a deliciosa Toby Wing, a quem Maurice ofereceu uma fotografia, com a seguinte dedicatória: «A Toby Wing, a mais adorável rapariga americana que conheço...»

Consultada, Toby Wing declarou abertamente que sente uma séria paixão pelo Maurice e que a diferença de idades existente entre os dois a não assusta mesmo nada.

O' Maurice! Tem paciência! Mas se hesitas, lá se vai a nossa fé nos homens de raça latina!

Desenho de  
CARLOS CARNEIRO



# Para você cinefila



O que, a galope de um aparo de quatorze quilates, lhe vou aqui dizer, muito familiar, desatarrachadas as cravelhas que costumam repuxar o complicado sistema de nervos dêste seu criado — é para que você — Rita, Maria ou Alice — o tome na devida conta e veja nêlo o cunho amistoso que lhe imprimo. Vou escrever para si, só para si. Você recebe gratuitamente dois conselhos digestivos e eu satisfaço aquela vaidadezinha que se achava há muito acaçapada no meu sub-consciente: a de me ver guindado a intelectual pela letra de forma de uma boa revista. E MOVIMENTO é um óptimo guincho. Óptimo e forte.

E entretanto que aguarda a parte suculenta do artigo pode ir você reparando, desde já, que logo de princípio revelo uma apreciável qualidade literária: a de produzir imagens com pitoresco.

Minha querida: desgostoso, constrangido, hesitante — deixe-me dizer-lhe — venho notar-lhe que a doença de que você é portadora, provocada pelo «complexo cinematográfico», está exacerbando-se a olhos vistos. Sim, acredite que falo verdade. Todos o verificam, de resto. Sômente você — e isso talvez por uma obliteração

do entendimento provocada pelo próprio mal — não se apercebe que está possuída da terrível «imbecilidade cinematográfica». Sabe o que isto é, não sabe? Pois os sintomas em você, são — muitos dêles e falando com tôda a propriedade — perfeitamente audíveis e palpáveis. Dos primeiros, tenho ainda nos tímpanos a ressonância das palavras despejadas que você escreveu em papel lilás ao seu «mais que tudo» Montgomery e que me leu — lembra-se? — a-propósito de me interrogar como se escrevia na língua de Shakespear (um sujeito muito maçudo) «beijar» e «travesseiro». Dos segundos observo eu, que sou seu íntimo, aquela foto... concupiscente (!) — dedicada com o clássico e sêco «sincerely» — que o Clark Gable lhe enviou como resposta a três cartas que você escreveu em inglês das docas! Sim, aquela em que êle, de torso nu, o pescoço torcido qual pássaro que quisesse bicar as penas do lombo, olha a objectiva fotográfica.

Estes sintomas, nitidamente característicos, me bastam para poder dizer-lhe: você está mal! E mal da cabeça, dessa hola encantadora, dura como o granito da calçada, em que você armazena vento e muita ronha.

Porque não se trata, minha querida? Porque não tenta emancipar-se, alijar como um fardo aviltante as características de «burrinha» que a estigmatizam?

Ora! Você não se cura porque não quer — porque em vez de procurar ser uma rapariga com personalidade própria, não se rala que eu continue a considerá-la uma irritante burguezinha de série.

Sei bem que há a pesar sôbre si o tremendo legado de vacuidade mental herdado de três gerações de burgueses e «pés de bois»; sei bem que os vôos frustes do seu espírito não podem ir além do espaço gradeado que as influências ancestrais (em que já falou um tal Le Dantec) lhe delimitam. No entanto convença-se disto;

you belong to this century — you must be of this century! And you, for now, are still of the century of Camilo: malicious and ignorant — despite painting your nails red, and watching the soap operas on the radio and the cinema with your dear ones.

To cinema!... I returned again to the subject and, now, not so long ago.

Now all your malice has its roots in the fearful ignorance that, in various ways, permeates. It is the most boresome of its illustrations — scientific, literary, artistic (the murmur that you hear at the piano is not art, it is noise). From the most false concept that you form about the cinema.

Therefore — and now come the decanted advice in which I spoke at the beginning of the article — since you are exclusively of the intellect, you will treat yourself by creating culture: you will read, you will read a lot — read everything that is not Clément Vautel, the sanguinolent of «Notícias» — and the cinematographic magazines. («MOVIMENTO», for example, is a magazine of cinematographic education). And by instructing yourself you will begin to consider that which, for now, is for you a futile amusement, as an art — of all the arts the one with the most expressive and the one with the greatest amplitude: the cinematographic art.

It is certain that all this world of foam, made of golden foam, that its sprawling fantasy architected, that powerful Jeová of beards, will roar with shock at the truths that stand firm and that its intelligence will be shattered. Certain, also, that the first dawns of discernment will dissipate the shadows of its intricate inner world, where feelings are hidden — I agree with you! — they are the most abominable of the moral puritanism that you want to appear. To finish with the stupid passions by the figures of the little beard and the scratch on the side that the cinema created to feed morbidities as its own; never again will you feel the cocorinha (pardon the slang) in front of the pataqueiro film that with ease you talk to the feelings by the repetition of a kiss more or less vampiric or by the cicio of voluptuous sigh; you will laugh, like I do today, at the curiosity of knowing what was the first word that the sympathetic H. Garat, or how many times she has kissed the head of her Ramon.

Everything this will be replaced by a new conception of the cinema, that you will

cherish the spirit and you will have new pleasures — more honest, less talkative, more intelligent than those that you have today.

My dear cinephile: you paint yourself desolately from the outside — you paint your lips, you paint your eyelids, you paint what you show to the world. Paint yourself from the inside, color the corners of the soul with pink, like the one you inherited from your mother, like the one you inherited from your grandmother; integrate yourself on the day of today and begin in your family — why not? — a new «dynasty» of sincerity, of joy, of movement!

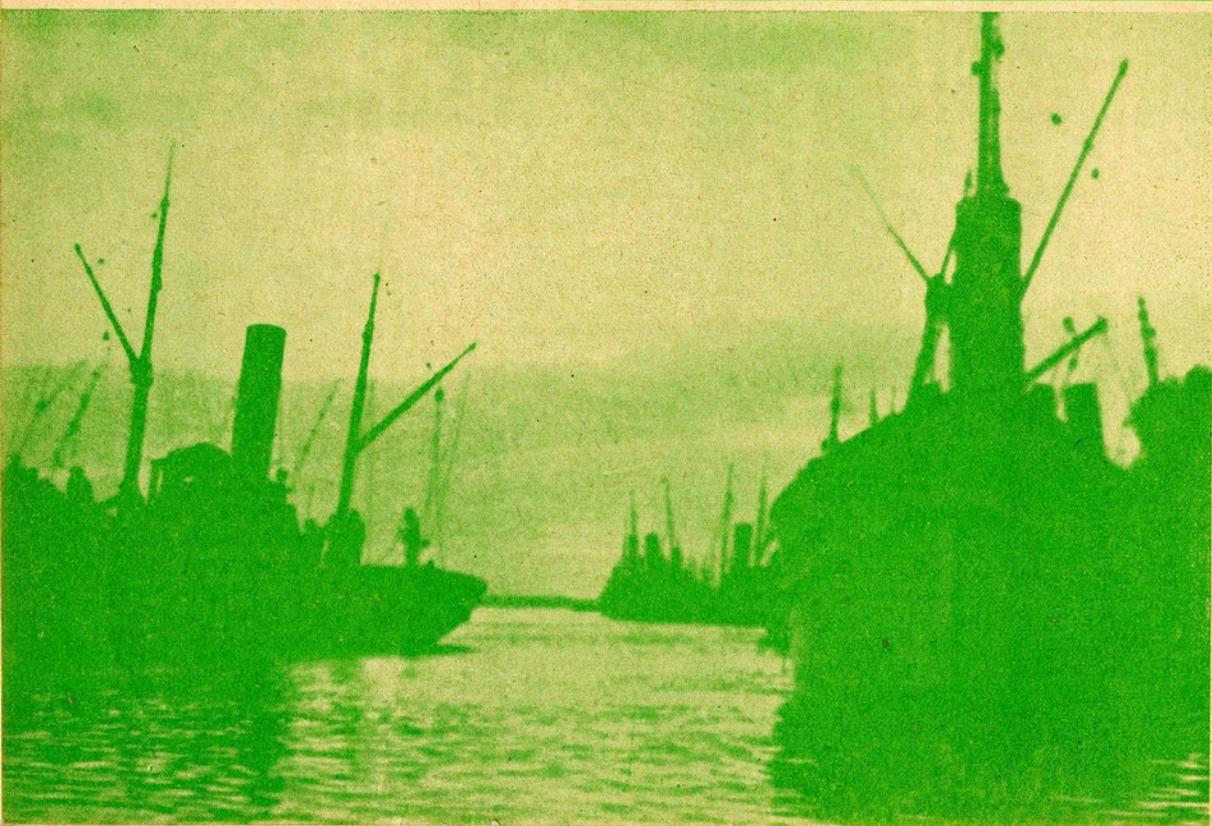
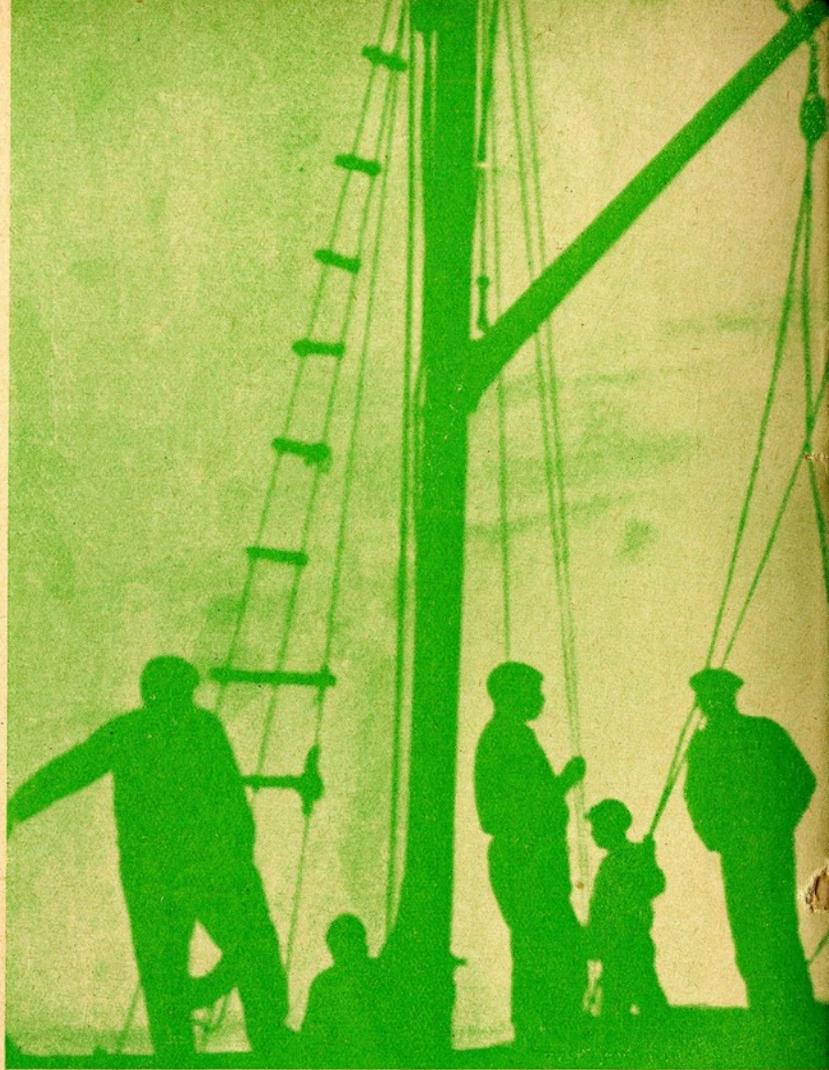
Do this, my friend, so that you can shout to me, most happily: my dear cinephile Portuguese — you are a perfect comrade!

Grandão Rodrigues



Desenho de  
CARLOS  
CARNEIRO

Publicam-se duas fotografias do documentário DOURO, FAINA FLUVIAL dirigido pelo nosso camarada Manuel de Oliveira e fotografado por António Mendes. DOURO, FAINA FLUVIAL, o único bom documentário português feito até à data, vai finalmente ser apresentado ao público, juntamente com GADO BRAVO. Convém, ao vê-lo, não esquecer a dificuldade que existe em fazer bom cinema, até quando se possuem todas as facilidades técnicas e materiais. Com essas facilidades, ainda há poucos meses assistimos a um estrondoso falhanço: *Canção de Lisboa*. DOURO, FAINA FLUVIAL, documentário perfeito em qualquer parte do mundo, representa o trabalho inteligente e vitorioso de dois rapazes que tinham ao seu serviço, apenas habilidade, habilidade e habilidade. MOVIMENTO, conscientemente, exige de todos os cinéfilos verdadeiros uma salva de palmas para o trabalho de Manuel de Oliveira e António Mendes.



## Sala de Espera

Está terminada a temporada cinematográfica. Não foi das mais brilhantes... mas melhor teria sido, garanto-vos, se o público soubesse acorrer aos bons espectáculos de cinema, se soubesse coroar do sucesso a que tinham direito os filmes bons, inteligentes e bem feitos, se fôsse ao cinema para ver cinema e não apenas para preencher indiferentemente três horas vagas...

# Estação de Serviço

Os melhores filmes passaram tristemente ante a frieza dum público que não os soube ver nem os soube compreender. E não foram assim tam poucos... Contem-nos: «8 raparigas num barco», «A Revolta das Feras», «O Impedido» (que o Pôrto ainda não viu), «Cavalgada», «O Preço duma Vida», «O Ladrão de Alcova», «Almas da Rua», «A Vida Privada de Henrique VIII», «Adeus às Armas», «Poil de Carotte» (que o Pôrto ainda não viu), «Os meus meninos», «Rua 42», «O Esquimó», «A Casa Rotschild», «Se eu tivesse um milhão», etc. Apenas «Catarina da Rússia» e «Sinfonia Incompleta» tiveram o sucesso que mereciam... Talvez por acaso... Todos os outros passaram em salas quasi vazias, onde um público falho de sensibilidade, de reacções e de intelligência os viu sem curiosidade, sem interesse e sem prazer, não lhes concedendo a mais pequenina importância... E ainda por cima vem cá para fora dizer que não há bons filmes!... E afinal, o que não há é público, público que goste de cinema!... Ou se o há... não sei aonde está metido...

## Expediente

PRÍNCIPE MORENO — Não esteja desgostoso, a sorte que lhe foi adversa no concurso de colaboração pode ser que lhe sorria em Setembro, quando forem sorteados os prémios do Número de Ve-

rão. E se assim acontecer olhe que não perde com a troca... O que os seus bons olhos de amigo deixam de notar! Você nem calcula como nos achamos longe daquilo que cada vez mais desejamos atingir!... Nunca achamos que o «MOVIMENTO» está bom, achamos que devia estar melhor... Mas também sabemos que milagres só aqueles senhores lá das alturas é que os fazem... Até à data em que lhe estou escrevendo não enviei a sua carta para «Cinéfila Lisboeta» porque ainda não recebi a direcção dessa leitora. A seu tempo seguirá, não me esquecerei. Talvez se lhe arranjem alguns números antigos. Dei a sua direcção a um senhor que tem os primeiros números para vender. A Administração informa-me que já lhe enviou o «MOVIMENTO» n.º 13. Obrigadinho pelas suas palavras de amizade, e até à próxima!

FERNANDO DE SÁ E SANTOS FERREIRA — A sua carta devia ter sido enviada para esta secção. Desculpe não lhe responder particularmente como era de sua vontade mas isso é contra os regulamentos. O tamanho dos desenhos é arbitrário. Convém, todavia, que não sejam muito pequenos nem de traço muito fino. E para o mais que desejar, creia-me sempre ao seu dispor... dentro desta secção.

## Apertado n.º 13

J. GUALBERTO ADÃO — (Posta Restante—Lisboa)... comunica aos leitores de «MOVIMENTO» que vende os 22 primeiros números desta revista e faz notar que as cartas para a posta restante devem ir estampilhadas com \$70 e os postais com \$55.

CHARLES BOYER—(Pôrto)... deseja corresponder-se com cinéfilas de Lisboa e das províncias.

FRANCÉLIO — (Aveiro)... deseja adquirir os cinco primeiros números desta revista e troca a colecção de «Cinema» por alguns números de «MOVIMENTO».

DOMINGOS SEABRA — (R. Beneficência, 60-2.º—Lisboa)... tem muito interesse em adquirir os primeiros doze números de «MOVIMENTO» e oferece por eles o dôbro do seu custo.

*Visar... premir um  
botão... e serão vos-  
sas para sempre as  
mais belas horas de  
felicidade*



*Elegante e leve, a-pesar-da sua solidez, o  
Cine «Kodak» Oito pode ser transportado  
numa mala de senhora ou na algibeira  
dum casaco*

Todos os que amam  
a VIDA, podem obter  
imagens VIVAS com  
um

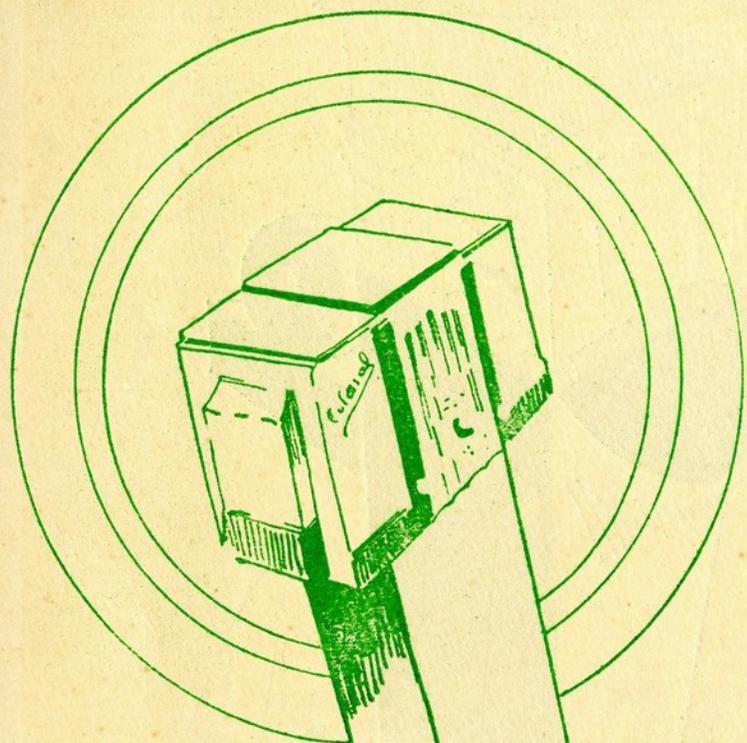
## CINE "KODAK" OITO

*o aparelho de cinematografia de amador que, graças a um novo processo de  
Kodak, reduz a menos de metade o gasto da película. Peça informações nas  
boas casas da especialidade.*

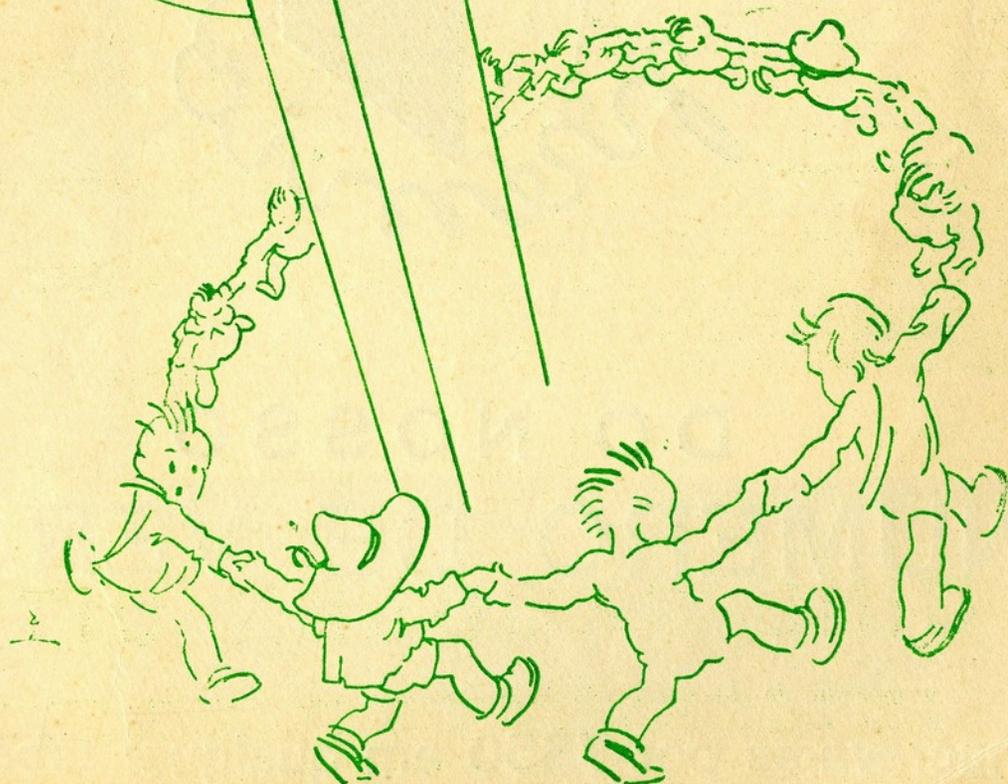
**KODAK LTD.—RUA GARRETT, 33—LISBOA**

# COLOSSAL RADIO

---



Um aparelho  
pequeno que  
é um grande  
aparelho.



**Sociedade Comercial Luso Americana, L.<sup>da</sup>**

LISBOA — Rua da Prata, 145

PORTO — R. Sá da Bandeira, 393



# DO NOSSO NÚMERO DE VERÃO

Inscreva-se por 7\$50 em qualquer tabacaria